



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O TRABALHO COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Eixo Temático: **EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Forma de Apresentação: **RELATO DE VIVÊNCIA**

Rodrigo Santos Souza¹

Janaína da Conceição Santos Dias Almeida²

Ana Lúcia dos Santos³

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta metodológica para o trabalho com Educação Ambiental nas escolas, pensada de modo interdisciplinar e mobilizada por meio do curta-metragem “*What if – Climate Changes*”. Trata-se de atividade desenvolvida em escolas públicas estaduais do interior da Bahia e de Minas Gerais, e seu potencial de replicabilidade.

Palavras-chave: Análise Fílmica. Interdisciplinaridade. Roda de Conversa.

INTRODUÇÃO

Os debates voltados para o desenvolvimento sustentável e para a educação ambiental têm, cada vez mais, crescido e apontado para a necessidade de produzir “uma nova perspectiva nas relações HOMEM-AMBIENTE” (BORGES, 2011, p.286).

Por muito tempo, o termo “meio ambiente” foi utilizado como sinônimo de “Natureza” ou “recursos naturais”. Essa conceituação, presente ainda hoje, traz consigo forte referência à influência do pensamento conservacionista, que defende o isolamento e a reverência da “Natureza” pelo homem a fim de que essa possa ser salva. Contudo, esse conceito é reducionista e o condiciona a aspectos meramente “naturais”, excluindo as interdependências e interações com a sociedade.

O fato é que, como afirma Maciel *et al* (2010, p.83), o meio ambiente, ou simplesmente ambiente, não é constituído apenas pela flora e fauna, água, solo e ar, como tradicionalmente definido e defendido. Ele precisa ser compreendido, cada vez mais, pela “interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade” (PNEA, 1999 *apud* MACIEL *et al*, 2010, p.83)

De acordo com Fofonka (2015, p.2052), é preciso pensar em um desenvolvimento sustentável que se apoie em três pilares: o ambiental, o social e o econômico; sendo necessário, portanto, a construção de estilos de desenvolvimento que tenham como base

¹ Doutorando em Ciências Ambientais – UNIFAL Alfenas-MG. Engenheiro Ambiental.

² Mestre em Educação - UEFS. Membro do GEPLET-UEFS. Professora do CJCC Feira de Santana-BA.

³ Mestranda em Educação – UNIFAL. Professora da rede pública de Machado-MG. Professora no Centro Superior de Ensino e Pesquisa de Machado-MG.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

uma nova “racionalidade produtiva”, “para que a política econômica dominante se renda à criação de políticas de redução da pobreza e a programas que fortaleçam a autogestão produtiva” (FOFONKA, 2015, p.2052); uma busca pelo equilíbrio entre a natureza e a sociedade, de modo que este sirva de base para o estabelecimento de uma nova organização social, tão necessária para a sobrevivência humana.

Tal discussão urge adentrar, cada vez mais, as salas de aula e, assim, mobilizar/pensar uma educação que prepare o indivíduo para a compreensão crítica e reflexiva dos principais problemas do mundo contemporâneo, munindo-o tanto com conhecimentos técnicos, quanto com competências e habilidades necessárias para melhorar a sua qualidade de vida e a do(s) outro(s) e proteger o meio ambiente, sempre pautado em valores éticos.

Nessa perspectiva, o objetivo com este trabalho é propor, por meio dessa vivência, caminhos para pautar a Educação Ambiental – EA em sala de aula, para além de “caixinhas disciplinares”, pensada como uma ação interdisciplinar, possível de ser trabalhada por todas as idades, comunidades e realidades, dando ênfase ao meio ambiente em sua totalidade e ao resgate e/ou surgimento de novos valores sociais que garantam um estilo de vida mais consciente e sustentável e a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática com/para todos.

MATERIAL E MÉTODOS.

Partindo-se do entendimento de que as rodas de conversa se constituem como uma potente possibilidade metodológica na comunicação temática, dinâmica e produtiva entre estudantes e professores (MOURA;LIMA, 2014), o presente relato revisita uma atividade, mobilizada por meio do curta-metragem “*What if – Climate changes*”, do diretor Jake Keighram (2020), planejada por dois professores da rede pública estadual, pertencentes a cidades e estados diferentes, num diálogo interdisciplinar e comparativo, intentando potencializar caminhos para o debate sobre EA nas escolas.

A atividade, uma roda de conversa, foi realizada no primeiro ciclo letivo de 2022, presencialmente, no turno vespertino, e teve, aproximadamente, duas horas de duração. Além dos professores organizadores, participaram a professora de Língua Portuguesa, a de Língua inglesa, a de Geografia e o de Biologia, e estudantes, meninos e meninas, cursando a 3ª série do Ensino Médio, em duas escolas públicas estaduais, sendo uma no interior da Bahia e outra no interior de Minas Gerais – cada uma em seu espaço-tempo.

A roda aconteceu com os estudantes em disposição circular. O ambiente foi organizado, com tatames e almofadas, de modo que todos pudessem se dispor como quisessem, desde que todo o grupo pudesse ser visto e escutado. Não existiu uma ordem de fala, mas quem falava tinha que ser respeitado na sua vez. O tempo não era cronometrado; contudo, os demais só poderiam falar depois que o outro encerrasse a fala.

Além disso, o ambiente foi “decorado” tanto com cenas de degradação ambiental quanto de ações que demonstravam o cuidado e a preocupação com o planeta. Tudo para que, por meio dos textos não-verbais, os alunos já pudessem formular suas hipóteses e construir argumentos para a discussão do tema.

Inicialmente, assistiu-se ao vídeo observando as cenas que fluíam sob a narração de trechos do discurso, em inglês, do secretário-geral da Organização das Nações Unidas, António Guterres, marcando o 75º aniversário da Organização. Após essa primeira exibição, não legendada, foi-lhes perguntado sobre o entendimento entre o discurso e as imagens apresentadas. Depois, numa segunda exibição, o vídeo foi exibido legendado, a



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

fim de confirmar as inferências apontadas na primeira leitura do texto verbo-imagético e dar seguimento ao debate temático. Num processo espontâneo e bem interativo, a roda fluiu orientada pelo tema gerador e o contexto dialógico suscitado pelo curta-metragem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola não pode se eximir de reconhecer o potencial uso tanto das rodas de conversa quanto da análise fílmica como mola propulsora e fomentadora de debates e conhecimento interdisciplinares. Nesse sentido, os professores precisam estar abertos à percepção da análise fílmica e da roda de conversa como uma dimensão educativa que pode reconfigurar o interesse e a formação dos jovens-alunos por propiciar uma tentativa de resposta às suas necessidades de comunicação, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de conhecimento (DAYRELL, 2003); fator que desafia a linearidade das aulas e dos processos formativos.

Segundo Vanoye e Golliot-Lété (1994), ao analisar uma produção fílmica, nesse caso – o curta-metragem, o “analista” estende o seu registro perceptivo e, com isso, usufrui melhor do mesmo, colocando-se também em xeque, recolocando em questão suas percepções e impressões, conduzindo-se a reconsiderar o seu ser e estar frente à “realidade” exposta. Isso o desloca do mero deslumbramento consumista da obra para um deslumbramento crítico-participante.

Além disso, os movimentos de escuta e fala na roda foram além dos convencionais de uma sala de aula tradicional, favorecendo posicionamentos, argumentos e tempo para escuta de si e do outro, fortalecendo a busca autônoma de conhecimento, revelado em falas como: “Eu li que...”, “eu vi que...”, “eu descobri... agora”, “eu entendi...”, “eu não pensava dessa forma...”, “eu não sabia disso...”.

Nesse sentido, a partir da experiência desenvolvida nas escolas, pode-se perceber que, à medida que todos os envolvidos se colocaram em uma posição que os permitia adotar uma atitude mais reflexiva, o conhecimento trabalhado se transformou em prática-reflexão; exatamente por ser uma oportunidade de apurar o olhar e os ouvidos para o que estava não apenas sendo dito/lido, mas silenciado e negligenciado.

CONCLUSÕES

É de fundamental importância que discussões reflexivas sobre meio ambiente e sustentabilidade adentrem o ambiente escolar e comecem a possibilitar/criar não apenas lugares de fala, mas também de escuta, visto que momentos de socialização como esses oportunizados em discussões/ações reflexivas ajudam a desenvolver um olhar mais sensível para si mesmo, para o outro e para o mundo.

Infelizmente, a escola ainda não está atenta para as potencialidades que as rodas de conversa, as análises fílmicas e o diálogo interdisciplinar podem oferecer visto que não reconhecem a dimensão educativa que essa tríade pode desempenhar na formação e na adoção, pelos jovens-estudantes, de posturas pessoais e de comportamentos sociais construtivos que possibilitem uma tomada de consciência individual e coletiva dos fenômenos naturais, das ações humanas e suas consequências tanto para consigo mesmo, quanto para todos os seres vivos e o ambiente. Que essa tomada de consciência possa adentrar, o quanto antes, os espaços escolares, ocupar/tomar o seu lugar de fala/ação.



Poços de Caldas

6º Congresso Nacional de Educação

29 e 30 de Jun 2022 | On-line

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Amaro de Souza. Educação ambiental na perspectiva da educação inclusiva. *In: Olhar de professor*, n.14(2). p. 285-292. Ponta Grossa, 2011.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, dez. 2003.

FOFONKA, Luciana. Inclusão social e educação ambiental: uma relação possível. *In: Educação Ambiental em Ação*, n. 52, p. 2052, Novo Hamburgo, 2015.

KEIGHRAM, Jake. **What if – Climate Changes short film**. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/9vdPQX9XQTE>

MACIEL, Jaqueline Lessa *et al.* Metodologias de uma educação ambiental inclusiva. *Revista EGP*. p. 82-88. Porto Alegre: Escola de Gestão Pública (SMA), 2010.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. **A reinvenção da roda**: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 23, n. 1, p.98-106, jan.-jun. 2014.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.